

TARGET

– A Pegada

Digital

Ralf Kleba-Kodak

Registo n° 348/2020 SIIGAC/2020/842 DATA: 2020.02.14

JUPITER EDITIONS

Print Your Heart with Jupiter Editions©

Demo
Somos um
povo de
marinheiros
≈Ralf Kleba-Kodak≈

**Este demo está protegido e reserva
todos os Direitos de Autor.**

A obra deste demo foi iniciada no dia 25 de outubro de 2019 e foi registada no dia 14 de fevereiro de 2020.

Se neste momento, por algum motivo, não puder comprar o livro do autor, a Jupiter Editions sugere que faça um donativo ao autor para o IBAN

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

O seu donativo é muito importante para proteger a qualidade de

**escrita do autor e não deixar o
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o
IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

**A Jupiter Editions apostou em 9
livros de novos 9 autores.**

O principal objetivo do donativo é a proteção da qualidade de escrita.

Por defeito, se os donatários nada disserem sobre o destino a dar, o donativo será 99% para os autores, cabendo 11% a cada um dos 9 autores e o 1% remanescente será destinado à filantropia da Jupiter Editions como a Plantação de Árvores, o Combate à Fome ou o Combate ao Lixo. O donativo pode ser feito por conta de qualquer um dos fundos que a Jupiter Editions pretende abrir e desenvolver. O donativo pode ser destinado 100% a um autor ou a uma missão.

O donativo pode ser anónimo, mas a Jupiter Editions sugere ao donatário que se identifique, sobretudo, se financiar a voz de um dos autores, para que o autor possa agradecer em nota pessoal. Basta enviar um email para manager@jupitereditions.com com o assunto DONATING e com o comprovativo da transferência bancária.

Se o donativo for destinado a um autor e se com o comprovativo da transferência for ainda anexada alguma fotografia ou mensagem do donatário, a Jupiter Editions obriga-se a reencaminhar o email ao autor.

Por favor, veja a nossa Política de Privacidade, para saber como é que os seus dados são tratados pela Jupiter Editions.

A Jupiter Editions não cede, nem vende os seus dados a nenhum parceiro.

A Jupiter Editions só pode ceder os dados dos Member Readers que tenham aceiteado que uma determinada empresa ou parceria comunicasse com os Member Readers. Se uma nova parceria for aprovada pelo Centro Ético de Negócios e Parcerias Sustentáveis Para o Futuro, a Jupiter Editions pergunta na Conta Jupiter aos Member Readers interessados em facultar os seus dados à nova parceria, explicando aos Member Readers a importância dessa mesma parceria. Quando as empresas parceiras/ parcerias contactarem os Member Readers, logo no 1º contacto devem anunciar a parceria com a Jupiter Editions, para que o cliente consiga ver com nitidez as parcerias e a sua importância para a sustentabilidade das empresas num mercado altamente competitivo.

©Jupiter Editions

Siga o autor
@ralfklebakodak

**

“SOMOS UM POVO DE MARINHEIROS”

**

“Vamos por aqui, Afonso...”

“Não, vamos por aqui, Jaime...”

“Não quero, Afonso! Vamos em frente... Para a frente é que é o nosso caminho!”

“Não, vamos por aqui... Quero ir por aqui...”

“Mas por aí vai ficar mais longe, vamos atrasar-nos...”

“Não vai, amor. Por aqui é mais perto... Vai ficar mais perto...”

“Não vai nada amor, por aí vai ficar mais longe...”

“Jaime, tu não conheces o caminho por aqui, vamos lá por aqui... Eu conheço um atalho, por aqui...”

E naquela medição de forças corporais, o Afonsinho com o seu corpo corpulento ganhou o atalho dele. Tirou logo a camisola para eu ficar rendido aos músculos dele. E claro, que me rendi e meti-lhe logo o meu braço em gancho pelo braço dele, caminhando todo debruçado em cima dele, do seu lado direito.

E estava a adorar andar assim todo em cima dele a sentir-lhe os músculos. De vez em quando, o Afonsinho lá fazia músculo e eu agarrava-me ao músculo dele com as minhas duas mãos e com os meus dois braços, apertando-lhe e sentindo-lhe o músculo.

Passámos por uma obra em construção e vi uns trabalhadores daquela obra sentados na relva na sombra de uma árvore a fumarem charros e cigarros, enquanto estavam todos com os telefones nas mãos. Um deles, assim que me viu agarrado ao Afonsinho, tirou os olhos do telefone e persegui-nos o passo. Eu parece que adivinhava que ele iria dirigir palavras direitinhas para nós em alto e bom som, que o seu tacanho e pequenino cérebro fabricava. Parecia que ouvia o cérebro dele a

fabricar as palavras, antes de ele deixar o pensamento dele escapar pela boca que tinha ligada ao cérebro. E parecia também que eu sentia as cordas vocais dele a mexerem antes de terem dado voz ao pensamento que ele deixou escapar do cérebro e que lhe saiu da boca.

“É isso mesmo! Liberdade de expressão! Viva a paneleiragem! Deem um linguado! Faz-lhe um bico! Põe-te de 4 para ele, ó tu que vais aí agarradinho ao bracinho dele, epá deem um linguado!”

Eu virei-me automaticamente para trás, porque já o tínhamos passado.

“Ó *caralho!* Mas estás-me a fazer um pirete???? Eu estava-te a elogiar! Tu és mesmo burro, *caralho!* Porque é que me fizeste um pirete? Eu parto-te a tromba toda, ó seu *paneleiro de merda!* Eu parto-te todo *caralho!* Eu rebento-te! Voltas a fazer-me um pirete e eu mando-te para o hospital! Estás a ouvir-me, ó seu *burro da merda!*? Seu *paneleiro da merda!* Estás a telefonar a quem? Se quiseres eu também chamo uns para te encherem o *cú*, se esse aí não te chegar! Que vocês todos só gostam é de levar no *cú!* Não fazem mais nada senão levar no *cú!*

Levam no *cú* o dia todo! Só gostam é de levar no *cú*! Mas eu a ti, dou-te na cara! Estás a ouvir?! Rebento-te a cara toda se voltas a fazer-me um pirete!”

“Eu estou a telefonar à polícia! Eu vou dizer isso tudo que me está a dizer à polícia!”

“Ah, vais dizer? E não te esqueças de dizer também que me fizeste um pirete! Ou isso não vais dizer? Eu estava a elogiar-te e tu fazes-me um pirete? Que merda de confiança vem a ser esta? Mas eu andei contigo na escola ou quê? Mas eu conheço-te de algum lado para me andares a espetar piretes na rua? Vê lá se não queres que eu te espete, mas é um pau no *cú*!”

“Está ali um polícia, Jaime!”

“Já vi! Vou lá chamá-lo, amor!”

“Boa tarde! Eu estou a ser brutalmente agredido e ameaçado por palavras ali por aquele indivíduo, que está ao pé daquele rapaz loiro, que é o meu namorado, gostaria que identificasse quem é aquele indivíduo, por favor.”

“O que é que se passou?”

“Eu estava com um dos meus braços enlaçado num dos braços do meu namorado e quando passámos por aquele fulano, ele disse: «É isso mesmo! Liberdade de expressão! Viva a *paneleirage!* Deem um linguado! Faz-lhe um bico! Põe-te de 4 para ele, ó tu que vais aí agarradinho ao bracinho dele, epá deem um linguado!». Eu disse que ia chamar a polícia e ele começou a ofender-me a torto e direito e a ameaçar-me.”

“Pois, mas eu estou agora aqui no trânsito... E o que é que você quer?”

“Como?”

“O que é que você pretende fazer?”

“Pretendo que ele seja identificado para depois fazer queixa-crime...”

“Ah!... É queixa-crime que você quer fazer... Pois... Sabe... Também tenho que ir lá ouvir a versão dele, primeiro... Espera lá um bocadinho... Eu já lá vou...”

Olhei para a chapinha que o polícia trazia ao peito, decorei-lhe o nome e voltei para ao pé do Afonsinho.

“Agora foste chamar a polícia, por causa disto? Foste importunar um agente da autoridade por causa disto? Eu estava-te só a elogiar...”

“Viva a *paneleirage*? Isto é um elogio? Em que país irónico? Onde é que “viva a *paneleirage*”, com “deem um linguado”, “faz-lhe um bico” e “põe-te de 4”, para encurtar a injúria é um elogio? Não é um elogio! É uma injúria! Dita da forma como foi dita em plena praça tecnológica, porque isto aqui onde estamos é uma praça tecnológica que está cheia de pessoas e olhos tecnológicos, cheia de câmaras, microfones e algoritmos, toda a gente ouviu e viu que a injúria foi dirigida a mim e ao meu namorado, isto foi uma injúria com publicidade! Enquanto me estava a injuriar, houve quem pegasse logo no telefone e começasse a filmar. E eu não tenho de ficar agarrado a essa tecnologia, só porque você não sabe que a minha liberdade terminou, quando começou a sua, por puro prazer e por pura entropia!” disse-lhe.

“Nem reparei que filmaram, vê lá...” respondeu-me.

“Mas eu reparei, porque eu reparo em tudo. Reparo nos algoritmos a sociedade tecnológica que estão lá no mundinho deles dos telefones, mas que

interferem com a minha realidade, ao mesmo tempo que reparo nos meus agressores que interferem também com a minha realidade. Como reparo nesse rapaz que está aí em pé e que assistiu a tudo isto do princípio e que não deixo que a minha honra ou consideração desça ou vulnerabilize-se aos olhos dele. Esse rapaz que me está a ouvir a falar, já sabe que se um dia se quiser meter e interferir na minha esfera jurídica eu irei logo chamar a polícia. Todos temos esferas jurídicas à nossa volta, porque todos somos titulares de direitos e há direitos há nossa volta. É isso que eu quero que ele e que toda a sociedade de informação tecnológica fixe, memorize, decore. Que saiba de cor qual é o meu algoritmo. Que grave qual é a minha reação. Como é que eu reajo. Eu reajo sempre de acordo e em harmonia com o Direito. Porque há um direito das coisas. Há um direito natural nas coisas. E o que é natural, é eu no século XXI e num Estado de Direito como é Portugal, estar a passear com o meu namorado, abraçado ao meu namorado, ou de mãos dadas ao meu namorado e não ter de ser injuriado na rua, entende? Há uma paz das coisas! Sem paz e sem naturalidade, sem esta naturalidade de ver as coisas não há liberdade nem há direitos! E eu tenho o direito em estar sossegado com o meu namorado, estar a passar por si e não ser incomodado por si. Entende? Eu não tenho que ser incomodado por si! Não tenho de ser

gratuitamente injuriado! Você até pode gozar conosco, mas goze entre os seus colegas, de maneira a que eu não oiça, de maneira a que isso não chegue à minha esfera de direitos, garantias e liberdades.”

“Isso é tudo muito bonito o que estás a dizer, mas estás-te a esquecer do pirete que me fizeste?”

“Ora meus cavalheiros, então digam lá o que é que se passou?” perguntou Azinheira, acompanhado por um colega que parecia mudo e fantasma nunca tendo aberto a boca.

“Vá! Diz lá ao senhor agente da autoridade que me fizeste um pirete, só porque eu disse “viva a *paneleirage*”! Agora não tenho liberdade de expressão querem ver? Agora não estou num país livre, querem ver? Ainda por cima, eu estava a elogiar. E ele vai, ó senhor agente, e puxa-me um manguito? Então, mas isso faz-se? Se os pais não lhe deram educação em casa, não devia ter saído de casa! Eu só lhe disse isto, ó senhor agente... Disse “viva a *paneleirage*”! E depois disse “deem um linguado!”.”

“Afinal foi isto que aconteceu?” perguntou-me diretamente Azinheira.

“Eu já narrei os factos que aconteceram ao senhor polícia...”

“Pois... Mas narre, outra vez! Narre aqui à frente deste senhor que diz que o ofendeu por palavras e o ameaçou... Pelos vistos, você não narrou tudo... Porque este senhor está-me a dizer que lhe fez um pirete e você não falou em pirete nenhum... Por isso, narre lá se faz favor corretamente os factos!”

“Pois... Narra lá aqui à minha frente, se faz favor! Que eu quero saber o que tu foste dizer ao polícia! Vá! Narra! Que eu digo-te já se tu és um aldrabão ou não!” gritou-me o fulano aos ouvidos.

“Oiça, senhor polícia! Eu não tenho de estar aqui a ouvir os berros dele. Não fiz pirete nenhum...”

“Ó cabrão! Mas não fizeste o quê? Mas estás a mentir para quê? Pergunte ao namorado dele, que o namorado dele o viu a fazer-me um pirete. Diz lá aqui ao polícia, que o teu namorado me fez um pirete, que o teu namorado é aldrabão e está a mentir à minha frente, à cara podre!”

“O meu namorado não fez pirete nenhum! Nós é que somos aqui as vítimas e os ofendidos!”

“Ah!... São as virgens ofendidas...! Claro que o namoradinho tinha de vir defender o namorado, mesmo quando sabe que o namorado me fez um pirete. Vocês, os gays, são todos iguais... Encobrem-se todos uns aos outros e nos momentos a sério, como este, fogem todos com o rabo à seringa... Mas vocês precisavam era de levar com a seringa, para ver se se curavam... Faltou-vos foi um cinto e um homem em casa, foi o que vos faltou!”

Enquanto o agressor me gritava aos ouvidos e nos chamava nomes à frente do polícia eu simplesmente “fiz o trabalho de polícia” e quis “afastar-me”. E assim que eu me afasto uns metros para o lado com o Afonsinho, o polícia num tom agressivo ordenou-me para que não saísse dali. Fiquei-lhe com uma raiva tão grande, da que já tinha, que só me apetecia perguntar-lhe se ele não estava a ouvir o mesmo que eu!?...

“Eu estou a afastar-me, porque eu não quero ouvir o que esse fulano me está a dizer, nem quero que ele me dirija diretamente a palavra!”

“Mas aqui o senhor não tem de querer nada! O senhor chamou-nos, por isso eu estou aqui a fazer o meu trabalho e sou eu que estou aqui no meio de vós.

Eu dignifico a minha farda e aqui onde estou a dignificá-la há regras! Nós queremos ser a solução do problema! Eu estou aqui no meio de vós, a pôr caldo à sopa, estou aqui a fazer a sopa...”

Eu só olhava para o agente e perguntava-me, como é que ele tinha a farda de polícia vestida. Os meus neurónios puseram-se todos numa conspiração cerebral a indagar se aquele polícia era um erro do sistema ou um erro de seleção, a indagar quem o tinha deixado passar e a indagar se a responsabilidade era do processo de recrutamento, do júri ou da lei e dos legisladores...

“Afiml quer narrar ou não quer narrar?” insistiu Azinheira.

“Mas eu já lhe narrei! Nós passámos e este indivíduo gritou: “Liberdade de expressão! Viva a *paneleirage*! Deem um linguado! Faz-lhe um bico! Põe-te de 4 para ele, ó tu que vais aí agarradinho ao bracinho dele, epá dê um linguado!” Eu fiz um gesto de telefone, que ele deve ter visto mal e confundido com um pirete, fiz um gesto a dizer que ia telefonar e foi quando eu telefonei para chamar a polícia e ele veio direito a mim,

a chamar-me uma data de nomes e a ameaçar-me. E eu quero que este indivíduo seja identificado.”

“Olhe, primeiro, o senhor não fica com a identificação de ninguém, porque as coisas não funcionam assim...” falou-me Azinheira num tom altívíssimo, humilhando-me completamente aos olhos do agressor.

“Toma lá, que já almoçaste! Para não te armares nem em esperto, nem em *puta fãna!*” disse-me o agressor, nas barbas do polícia, sentindo, pois, o apoio do polícia.

“Se não sabia, que as coisas não funcionam assim, fica a saber, que nós estamos aqui nesta vida é para aprender!” disse-me Azinheira, como se me tivesse a dar uma lição qualquer.

“Oiça! Eu tão-só dirigi-me a si, disse-lhe que estava no preciso momento a ser brutalmente agredido por palavras e a ser ameaçado de agressão física e pedi-lhe que identificasse o meu agressor.”

“Eu não sei onde vai com isto...”

“Eu sei onde vou com isto, senhor polícia, muito obrigado!”

“Isso é muito subjetivo... É uma questão de interpretação... O senhor, se calhar, até interpretou mal as palavras dele... Como ele lhe disse, ele estava a elogiá-lo, pronto, a si e à sua relação, mas o senhor, pelos vistos levou para outro caminho...”

“Foi mesmo isso, senhor agente! Exatamente isso! Já vi que o senhor agente da autoridade percebe a minha linguagem... Eu só queria elogiar! Foi uma força que eu quis dar! Um sinal de apoio!”

“Pois... Eu percebo! Mas o que é que se há de fazer? Eu percebo a sua linguagem, porque eu falo também a sua linguagem... Mas pronto... Isto há interpretações para tudo...”

“Eu tinha amigos gays... Eu até já tive amigos gays e tudo... E estava com eles na boa... Sem stresses... Nunca tive stresses com eles...”

“Eles? Mas ele diz “eles” para falar de nós como se fôssemos o quê, Afonso? Ouviste?” falei baixinho para Afonsinho.

“E também já tive nas festas deles... E até tirei a camisola como eles tiram nas festas deles... Mesmo na boa, não tive problemas nenhuns nas festas deles que eu fui...”

“Nas festas deles? Mas que festas deles? Ele está a falar de que festas?” voltei a indignar-me num curto cochicho para Afonsinho.

“Eu não consigo perceber como é que o ofendi... Não percebo mesmo...”

“Leia lá o artigo 6º! Já que você traz aí o Código Civil, leia lá o artigo 6º! Vá! Leia lá, vá! Leia para todos ouvirmos! Leia em voz alta!” ordenou-me Azinheira.

“Oiça, eu não vou ler nada, como deve imaginar!... Podia era emprestar-lhe o meu código se quisesse e o senhor lia. Mas não trago o Código Civil. Isto que eu trago na mão, é o Código Penal.”

“Ah...! Traz o Código Penal... Julgava que era o Código Civil...”

“Não. Trago é este livrinho pequenino sobre um tema do Direito Civil... Deve ter lido “Direito Civil” e julgou que eu trouxesse o Código Civil.”

“Pois... Julgámos todos... Por isso é que eu trazia o artigo 6º preparado...”

“Não percebi...”

“Deixe estar... Mas olhe, segundo o que me diz a minha experiência, e ando nisto há 30 anos e vale o que vale, isto não vai dar em nada. O senhor tem razão, ele também tem razão, percebo as duas partes, mas isto é só uma perda de tempo: do seu, do dele, e do nosso. O senhor que está a estudar Direito...”

“Já acabei.” interrompi a fatigante “eloquência” de Azinheira.

“Ah!... Já acabou?... Então, nem devia ter começado! O senhor sabe que isto não vai levar a lado nenhum... Sabe ou devia saber, portanto eu acho que isto mais valia ser resolvido com um pedido de desculpas.”

Cronometradamente à Internet do polícia, o agressor estende-me a mão. Eu ignoro, claro.

“Agradeço a sua sugestão, agente Azinheira, mas eu sofri uma ofensa e, tendo em conta a sociedade tecnológica em que nos encontramos, vim falar consigo para que este indivíduo que me acabou de estender a mão fosse rapidamente identificado. Mas agradeço a sua sugestão, agente Azinheira. Oiça, senhor Azinheira, eu sei que, como ofendido, tenho direito a um Estatuto de Vítima e eu quero esse Estatuto de Vítima na minha mão.”

“Mas para que é que quer esse Estatuto de Vítima? O que é que vai fazer com isso? Eu já lhe disse, eu conheço o sistema e isso não vai dar em nada... Está só a perder tempo nisto... Está a fazer perder-me tempo a mim, aos meus colegas, a estes trabalhadores que estão aqui a trabalhar no duro, desde que horas?...”

“Desde as 9h da manhã, senhor agente da autoridade...” respondeu-lhe o nosso agressor.

“Está a ver? Os rapazes estão aqui, coitados, desde as 9h da manhã a trabalhar no duro... Você sabe o que é ter de acordar cedo para vir trabalhar?”

“Oiça, senhor Azinheira, com o devido respeito pela sua profissão, como deve calcular eu não lhe vou responder a essa pergunta e insisto que quero o Estatuto de Vítima.”

“Pois, é que você está aí numa teimosia desgraçada. Os meus colegas já aí vêm e já trazem o Estatuto de Vítima. Mas está a atrasar a economia do nosso país, fique já a saber! Está a atrasar a economia e os meus colegas que têm agora que vir trazer o Estatuto de Vítima, só porque você está numa teimosia... O rapaz até já lhe pediu desculpa... E até está a fazer perder o tempo do seu amigo...”

“Do meu namorado!” interrompi-lhe, “Não diga que estamos a perder tempo, porque nós estamos a ganhar tempo, já lhe disse.”

“Mas ganhar tempo para quê? E afinal, para que é que quer o Estatuto de Vítima se já disse que nem sabe se vai ou não fazer queixa? O rapaz já lhe pediu desculpa, aceite as desculpas e fica tudo resolvido.”

“Com o Estatuto de Vítima eu tenho até 6 meses para fazer queixa-crime se eu quiser, além de que...”

“Crime? Isto não é crime nenhum... Oh! Que disparate...! Isto é um pequeno litígio que nenhum juiz dá importância a isto... Escreva o que eu estou a dizer-lhe...”

“Ah, pois, escrevo, escrevo... Escrevo tudo o que me está a dizer...”

“Pode escrever à vontade... Eu conheço o sistema...”

“Claro que conhece o sistema... Por isso, é que é polícia... Isto não é um pequeno litígio. É um crime contra a minha honra e consideração. Chama-se crime de injúria e está previsto no artigo 180º do Código Penal. Portanto, eu nem sei para que é que me estava a pedir para que eu abrisse o Código Civil no artigo 6º, porque isto resolve-se é com o Código Penal por via do artigo 181º, e se calhar até, neste caso por via também do artigo 183º, se tiver havido publicidade através do telefone ou de alguma aplicação que facilite a divulgação do crime, para agravarmos as penas... Eu vou passar aqui ene vezes com o meu namorado. Se ele está aqui a trabalhar nesta pedreira, eu quando voltar aqui a passar, seja às 9h seja às 13h sejam as horas que sejam, não quero voltar a ser perturbado por ele. Não quero que ele volte a interferir gratuitamente na minha mente ou na mente do meu namorado ou na mente de qualquer outra pessoa. Não quero que ele volte a fazer sugestões e a fazer penetrações diretas à esfera da minha liberdade. Com o Estatuto de Vítima sei que tenho 6 meses para pensar se quero ou não avançar com queixa-crime em tribunal e espero nesses 6 meses ganhar o respeito desse senhor, por exemplo que não me volte a

dirigir a palavra e que pense duas vezes antes de o fazer. É por isso, que eu quero o Estatuto de Vítima na minha mão!”

“Você ainda vai ouvir muitas bocas destas e tem que saber responder. Eu já cá ando há 30 anos e você só agora é que anda aí a ler, a perder tempo. E está a perder tempo com tudo isto, isso eu garanto-lhe! Isto não lhe vai levar a lado nenhum! Você não tem experiência de vida nenhuma! Porque se tivesse, já tinha desistido e aceite as desculpas! Está a ser rancoroso! E o rancor não nos leva a lado nenhum! Nem o rancor nem o ódio... É que, às vezes, a origem pode estar numa questão de ódio e tem que resolver primeiro o ódio que há em si, porque eu vejo que há um ódio em si, aí dentro de si...”

Eu tinha que me beliscar constantemente para ter a certeza de que isto estava a ser real. Porque esta realidade mais parecia uma surrealidade. Isto era demasiado surreal aos meus ouvidos e aos meus olhos. Parecia que havia qualquer coisa estranha por detrás disto. Isto não podia ser a realidade! Isto não é realidade! Eu não quero que isto seja a realidade! Mas é esta a nossa realidade? É que me envergonha

profundamente, se for esta a nossa realidade! Ter de admitir que esta realidade existe em pleno século XXI? Que estes discursos e estas filosofias e estes cérebros insistem em sobreviver e em asfixiar a minha realidade? E por isso, mais vale acreditar que havia guiões nisto tudo e que isto não passou de um filme ou de um sketch. Só me apetecia despir-lhe aquela farda.

E como se tudo isto, já não bastasse, ainda tinha de ver o polícia a rir-se à fartazana com o meu agressor. Desejei a monitorização da polícia ou a demissão daquele polícia? A demissão, é claro!...

Num namorico-cochicho com o Afonsinho, enquanto esperávamos pelo carro-patrolha que vinha da esquadra para me trazer o Estatuto de Vítima, ouvia de raspão, sem perceber muito bem o sentido daquilo, o agressor a dizer: “*Foda-se!* Eu estava aqui na minha pausa, recebi um convite da *Aplicação* para ganhar uns trocos para tabaco, cerveja e pólen... Se eu soubesse não tinha aceitado o convite... É que com esta brincadeira toda já passaram 40 minutos e eu quero voltar para a obra, não quero perder o emprego... Mas se eu perder, aí é que eu vou para o tribunal e ele vai indemnizar-me!”; e ouvia o Azinheira a responder-lhe que já devia ter ido embora, mas que também estava ali para que as coisas “não corressem mal para o seu lado”.

Lá chegou o carro-patrolha com mais 2 polícias. Eram 2 rapazes novos. Um moreno e um loiro. Só consegui decorar a chapinha de um. O Moreira dava-me razão na sua expressão escondida pelos óculos escuros e o loiro dava razão expressa e tácita ao Afonsinho. Eu tinha ficado com o Moreira e o Afonsinho com o loiro, foi assim que nos separaram para ouvirem a nossa versão, mas ouvia a narração do Afonsinho e via como o loiro acompanhava cordialmente o Afonsinho – isto sim, agora, eram polícias a sério que estavam connosco! Mas eu pensava, de que valeria aqueles “bonitos” polícias verem aquela luz naquela praça relvada, tecnológica e solarenga com o sol a raiar e a rasgar as nuvens, se depois aqueles bons polícias vão permanentemente ser seduzidos e hipnotizados num ciclo vicioso pela penumbra daqueles 30 anos do sermão do padre Azinheira?

“Para citar Gil Vicente, Fernão Lopes e Fernão de Magalhães, nós somos um povo de marinheiros. Só estamos aqui de passagem e por estarmos aqui de passagem, não devemos dar tanta importância às coisas e devemos é aproveitar a viagem e não fazer os outros perder tempo, com os nossos caprichos, rancores, ódios e teimosias, porque a nossa viagem aqui na Terra é

muito curta e a nossa intervenção e impacte nas coisas é muito pouco significativo. E não vale a pena, acionar os meios por isto, porque vocês por terem os vossos gostos e adotarem o estilo de vida que vocês escolheram na vossa liberdade, vão ainda passar por muitas situações iguais ou piores a esta. Porque na sociedade em que vivemos, este tipo de bocas é normal e que quem tem o tipo de atitude de querer alterar as coisas e fazer as coisas bem, só está a perder o seu tempo, porque não vai alterar nada. Não se esqueçam, eu já caando há 30 anos, nisto!”

Depois de ter o Estatuto de Vítima na minha mão e do meu agressor ter sido devidamente identificado, resolvi dar uma palavrinha àquela tropa de elite.

“Senhores polícias, não quero fazer-vos perder mais tempo, como disse ene vezes o vosso colega Azinheira. Tenho muito respeito pela vossa profissão, todos os dias defendo-a. Mas como sou de Direito, sou um apaixonado pela magistratura, tenho uma paixão enorme pela ciência jurídica e como há uma urgência de uma Internet das Coisas entre a Polícia e o Direito, eu sinto-me obrigado em dar-vos uma palavrinha pelo

episódio que aconteceu hoje aqui comigo e com o meu namorado, para que possam estar mais a altura noutros episódios policiais. Aproveitando a boleia da vossa filosofia policial, eu digo-vos muito honestamente, se vocês aparecessem no meu tribunal, senhores polícias... Eu instauraria um processo disciplinar a alguns elementos do corpo desta polícia. Para vossa sorte, ainda não sou juiz e vocês não estão ainda no meu tribunal. Que isto tenha sido uma chance para se reformularem, para refinarem os vossos algoritmos, para acompanharem a verdadeira evolução. Têm de acompanhar e querer acompanhar é o Bom Sistema aos olhos do Bom Direito. Não é a ficarem a rir-se às gargalhadas com o agressor e dizerem-me que eu nem Direito devia ter começado e que ando a perder tempo a ler livros de Direito e a dizerem que vou ouvir muitas mais bocas destas e, por isso, não devo ligar para não fazer perder tempo os senhores polícias. Continuem “connosco”, com os nossos “bons olhos” em cima de vocês que vos protegem e vos dignificam, sobretudo essa farda que nasce num Estado de Direito. É que não são só vocês que nos protegem, nós também vos protegemos, quando vos dignificamos, quando vos fazemos vénias, quando vos aplaudimos. E hoje, não me apetece nada aplaudir-vos. Eu que defendo a vossa “não monitorização” e a vossa “não pontuação”,

porque há quem queira no sistema monitorizar-vos e pontuar-vos, não vou, por causa disto, defender agora o contrário... Não sei se estou a fazer-me entender? Porque se vocês estivessem presos a um sistema de pontuação podiam ser polícias de 5 estrelas que com este episódio eu baixava a vossa pontuação para duas ou uma estrela. Que isto tenha servido de uma simulação. Estejam mais à altura com a próxima vítima. Que este Estatuto de Vítima que eu tenho agora aqui na minha mão, não seja só fictício. Sejam alquimistas do Direito! Há muita gente-robot que estuda Direito, nós somos imensos, somos mais de 1000 todos os anos, estão a ver o que é todos os anos mais de 1000 saberem, conhecerem e andarem de mãos dadas com o Direito? E mesmo os que não estudam, sabem e conhecem o Direito. Por isso têm de ser melhores (...) que os robots do Direito! E vocês mais pareciam eram robots, mas dos livros de história! É nessa tecnologia que estão presos? É que se é, têm de urgentemente se desprender dela... Porque está a interferir e a prejudicar nas vossas competências. Vocês não podem se pôr a citar quem citaram numa situação destas. Que somos um povo de marinheiros? Olhem isto levado ao tribunal? Perante uma agressão verbal, uma agressão psicológica, perante uma injúria, vocês polícias vão-se virar para o ofendido, para o agredido, para a vítima e vão dizer para não ligar,

porque estamos aqui “só de passagem e para aproveitarmos a viagem”? Isso posso eu dizer que não sou polícia, ou posso eu escrever, que não sou polícia, se me apetecer ser filosófico ou podem vocês polícias dizerem nos vossos momentos filosóficos num ambiente descontraído de trabalho na esquadra, mas não aqui na rua, perante o crime, à minha frente e do meu namorado e dos nossos agressores! Senão, façam o favor de despir a farda, porque há quem queira vesti-la! Há quem queira dignificar a classe policial, que é uma das mais nobres e bonitas classes de todas as classes do sistema, que permitem a perpetuação da estabilidade, da paz, da segurança, da ordem e da felicidade! E para permitirmos e perpetuarmos a estabilidade, a paz, a segurança, a ordem e a felicidade temos de estar libertos de estigmas, grémios e preconceitos do passado. Como é que vai ser ou como é que costuma ser quando um marido telefona a dizer que a mulher lhe está a bater? Se a mulher for toda boazuda e tiver umas grandes mamas vão dissuadir o marido a desistir da queixa-crime, porque aquilo foram só umas festinhas, quando há mulheres que batem e batem de que maneira nos maridos e exercem um poder psicológico fortíssimo nos maridos, massacrando-lhes a mente? E como vai ser quando for ao contrário? Ou como é que costuma ser? Quando são os maridos a baterem nas mulheres? Ou

quando são as mulheres a telefonarem-vos? Vão lá a casa e armam um vitorioso espetáculo à frente da mulher colocando panelas por cima da cabeça dos maridos e vão à cozinha que é deles buscar as colheres de pau, batendo nas panelas numa espécie de tortura para o marido admitir que bateu na mulher? Não é essa a vossa profissão! Não foi para isso que o sistema vos vestiu as fardas! O sistema não vos vestiu as fardas para andarem a dar-me sermões a mim e ao meu namorado sobre a História e Geografia de Portugal. Eu fui o melhor aluno de História e Geografia de Portugal na minha turma e nunca dei nenhum sermão de história a ninguém! Portanto, guardem os vossos livros e histórias para os vossos convívios! Ao menos, que citassem *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, bonitos parágrafos alienígenas de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi ou amorosas frases d’*O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala, que são autores que estão vivos, que são fantasmas vivos entre nós todos. Sejam mais alienígenas. Sejam mais amorosos, senhores polícias! Sejam menos poetas, mas não percam a vossa poesia. Façam poesia policial em silêncio. Acompanhem o bonito passe policial de Gil de Sales Giotto. A ideia é ganharmos algum tato daquilo que é e pode ser o Bom Direito. A ideia é farejarmos o mal e acabar com o mal. Não é acabar com os bons. Não é tirar a voz aos bons.

Não é sufocar nem asfixiar, nem atrasar os bons! Senão, nunca mais evoluímos! Sejam farejadores dos violadores, senhores polícias! Sejam farejadores dos agressores, senhores polícias! Sejam farejadores dos perturbadores, dos intolerantes, dos criminosos, que entre muitos outros crimes, praticam o crime de injúria. Quando o senhor Azinheira diz que “a ofensa não é nada por aí além”, quando diz, porque disse, várias vezes para eu desistir, se acha que é normal em Portugal, para usar a sua expressão, um polícia achar que “isto é uma perca de tempo”, porque o senhor Azinheira “está no sistema há 30 anos e sabe como as coisas funcionam”, para também usar a sua expressão, “porque as coisas são assim e sempre hão de ser”, então eu convido-lhe francamente a olhar um pouco para os sistemas ingleses, dinamarqueses, suecos e alemães que eu garanto-lhe que nenhum polícia iria achar normal o que o senhor Azinheira está a dizer; se o conseguissem ouvir e se tivesse ligado a eles, que não está definitivamente, porque mais parece que está ligado à tecnologia dos inimigos, mas que eu faço questão de o desligar da tecnologia inimiga e ligá-lo nesta minha Internet, nesta minha tecnologia, em que eu lhe prendo! E mais lhe digo, às vezes é preciso sair de Lisboa. É preciso ir ver outras cidades. Outras esquadras. Não é preciso sair de Portugal. Basta sair aqui de Picoas, aqui

de Lisboa. A polícia inglesa, sueca, alemã e dinamarquesa é muito mais evoluída neste tipo de situações e o nosso Direito está construído e desenhado exatamente para a nossa polícia ser tão evoluída como a polícia inglesa, sueca, alemã e dinamarquesa, por isso, isto é mais um problema de mentalidade do que outra coisa, porque o sistema está muito bem feito! E se o sistema está bem feito, está a construir-se, está a evoluir, nós devemos acompanhar essa evolução! Por isso acompanhem, senhores polícias! Acompanhem-me! Acompanhem-nos! Há um barco para dirigirmos outra vez! Temos de escrever toda uma nova história nas ondas do mar. A história que nós escrevemos do Ultra-Mar não foi boa. Temos de saber admitir e saber libertar-nos da história. Estamos cá, para nos libertarmos, para escrevermos outra história, para fazermos outra viagem e não as viagens que os outros já fizeram contra todos os direitos, liberdades e garantias. Desta vez, há um barco que quer partir segundo as Leis do Mar e da Terra, com os códigos do Direito, incluindo o Direito Marítimo. Não se esqueçam, que somos um povo de marinheiros. E nós, somos os bons marinheiros.»

(...)

**Não deixe o espírito deste
autor morrer.**

**Está nas suas mãos não
deixar o espírito deste
autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor
para o IBAN
PT50 0010 0000 58544220001**

ou MB WAY 965108603

Este demo foi publicado pela Jupiter Editions em
www.jupitereditions.com no dia 23 de agosto de 2021

**Para ver o demo oficial completo ou outros demos desta
obra, na página dos Member Writers no site da Jupiter**

Editions www.jupitereditions.com vá à subpágina do autor e clique nos botões dos vários demos.